

Oliveira Ramos, Historiador e Universitário

Francisco Ribeiro da Silva

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 99-106

Oliveira Ramos, Historiador e Universitário

Francisco Ribeiro da Silva *

1- Introdução

Uma Universidade e cada uma das suas Escolas são pessoas de bem e, como tal, devem ser educadas e agradecidas, mormente quando uma Escola, como a nossa, por definição olha as Humanidades como plataforma da sua própria existência e o Humanismo como abstracto e pressuposto das suas realizações. Como entidade de bem e animada por pessoas que se presumem de bem, parece normal que a Faculdade e, neste caso, mais especificamente o Departamento de História se sintam na obrigação de reconhecer e agradecer publicamente os serviços eméritos prestados por um dos seus mestres mais emblemáticos da geração presente, Luís António de Oliveira Ramos. O que pretendemos com este acto é tão somente a comemoração de uma efeméride qual é a de encerrar com festa um ciclo da sua vida, apenas mais um ciclo, e, por isso, de caso pensado, optámos por uma data muito próxima do seu aniversário natalício.

Não obstante ter passado a um estatuto de desobrigação legal da docência institucionalizada, não deixará o Senhor Professor de se manter activo e de cultivar a assiduidade nesta Casa que continua a ser a sua. Aliás, numa sociedade de competição como é a nossa, a Universidade não pode dispensar ou desperdiçar o talento e a mais valia da sua contribuição e de outros em tarefas de direcção e aconselhamento científico e até de leccionação voluntária em cursos de pós-graduação, como, no caso presente, está agendado. Por isso, este evento, longe de ser uma despedida, pretende ser uma consagração. Foi o perfil profissional de uma carreira fecunda que se prolongou por quatro décadas que inspirou a temática da jornada de reflexão que a propósito programamos para hoje. De facto, de entre o pluralismo de facetas desse perfil, há duas que, a nosso ver sobressaem e que são pretexto para comunicações e debates desta tarde. Universidade, História e Historiografia.

Seja-me permitido, antes de mais, agradecer o acolhimento pronto e generoso do convite que dirigimos aos Senhores Professores Veiga Simão, António de Oliveira e Vítor Oliveira Jorge. Bem hajam.

2 - Sendo de homenagem esta sessão, cabe-me a mim saudar oficialmente e em nome dos colegas o Senhor Professor Oliveira Ramos. Tenho evidentemente muito gosto em fazê-lo e entendendo que não me desviarei do objectivo, se me cingir às duas facetas que acima destaquei: o historiador e o universitário.

2.1-O Historiador

Um universitário é um cientista, isto é, produz obra científica. Se o não *realizar* com provas dadas e publicadas, não irá muito longe na carreira. Oliveira Ramos cultivou e cultiva a Ciência

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH

Histórica. Mais especificamente tem-se debruçado sobre as matérias ligas à Ilustração e ao Liberalismo, podendo considerar-se hoje em dia uma das maiores autoridades internacionais nessas disciplinas. Mas os seus horizontes de pesquisa foram-se diversificando e, em consequência, a sua produção científica acreditou-o como autor a ter obrigatoriamente em conta tanto nos domínios da História do Brasil colonial como da História da Universidade Portuguesa. Recorde-se, a propósito, que desde os anos oitenta, enquanto membro do Bureau da Conferência de Reitores Europeus foi incumbido de supervisionar a História das Universidades Europeias realizada por esse organismo e fez sair a edição portuguesa da obra em dois volumes editadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda respectivamente em 1985 e 2001. Acrescente-se que desde 1997 é membro da Comissão Internationale d'Histoire des Universités e que juntamente com Ferrer Correia, António de Oliveira e Joel Serrão dirige uma História das Universidades Portuguesas que está sendo publicada sob a égide da Fundação Calouste Gulbenkian.

Mas, entre artigos e livros, segundo uma lista que pude compulsar mas que eventualmente pode estar incompleta, é autor de 130 publicações.

Se é verdade que a maior parte dos títulos toca alguma das três temáticas acima identificadas, da sua bibliografia constam outros trabalhos que, embora ocasionais, me parece pertinente e importante valorizar aqui: em primeiro lugar, os consagrados a temas de literatura e de análise literária que publicou nos anos sessenta: é que cultivando tais matérias dava clara continuidade a uma tradição familiar próxima. Aliás, recentemente, a propósito de Eça de Queirós e de Almeida Garrett retomou esses assuntos.

Sublinharei com igual ênfase os estudos que publicou sobre gestão e autonomia universitárias que correspondem grosso modo ao tempo do mandato reitoral.

Julgo ainda merecer realce o peso que adquirem na bibliografia do nosso homenageado os textos relativos a temas de História eclesiástica e de algumas figuras da Igreja. Na verdade, cardeais e arcebispos, bispos e cabidos, abades beneditinos, monges e bibliotecas conventuais, ideias e crenças - são palavras recorrentes no vocabulário que escolheu para título de muitos trabalhos. A História das Ideias, a História de Famílias, a História da Cultura perpassam igualmente por centenas de páginas que deu ao prelo.

Se nos decidimos pelo exercício de tentar organizar a sua obra histórica por grandes pacotes, um deles seria obrigatoriamente a atenção dedicada à História urbana, em especial à história da nossa «antiga mui nobre sempre leal e invicta cidade». Por razões conhecidas, sou particularmente atento e sensível a esse sector e, por isso, compreenderão que o exalte.

Seguindo uma ordenação aleatória lembrarei em primeiro lugar *O Porto e as origens do Liberalismo*, surgido em 1980. Partindo do modelo que constituiu a Revolução Francesa, (assunto de que em trabalhos vários se mostrou verdadeiro especialista) evidenciou como a génese da revolução liberal em Portugal teve fortes raízes na Europa, sobretudo na França e talvez em grau menos visível na Inglaterra. E entendo que, pela primeira vez, ficou claro que as elites culturais portuenses bem como as que constituíam o mundo mercantil não só tomaram conhecimento das turbulências e movimentações ocorridas em França como desde o último quartel do século XVIII conheciam e discutiam as novas propostas das Luzes que lhes chegavam através da imprensa, podendo mesmo falar-se de um grupo de afrancesados do Porto. Não sendo um livro muito extenso nem propriamente o iniciador da temática, foi francamente inovador pelo enquadramento cultural europeu que deu ao vintismo e pela valiosa, inédita e útil documentação que transcreve.

O mais recente foi *Portuenses na História* integrado na Coleção «Portucale» publicada no ano passado de 2001, obra em que, a pretexto da evocação de figuras destacadas do passado, são reconstituídos e interpretados com notas de fina argúcia quadros, movimentos e cenas da história portuense.

Mas o que teve e continua a ter maior sucesso em perspectiva editorial foi, de longe, a *História do Porto*, publicada pela Porto Editora em 1994 da qual se prepara já a 4^a edição. Embora me possa ficar mal como co-autor que tenho a fortuna de ser, posso afirmar que, tratando-se embora de uma obra de síntese, apresenta novidades e inovações, para além de se poder considerar um modelo na sua concepção e na sua execução. Tenho a honra de lembrar que esse trabalho digno

e dignificante foi posto de pé por um grupo de professores desta casa (reforçado com dois de fora) sob a liderança de Luís de Oliveira Ramos. Já que recordo esta circunstância, permita-me, Senhor Professor e minhas senhoras e meus senhores, que evoque aqui com saudade e muita amizade dois dos co-autores desafortunada e precocemente ausentes: Armindo de Sousa e François Guichard.

Falámos até aqui dos estudos que o nosso homenageado já publicou. Poderíamos abrir um novo campo do seu labor referindo projectos para o curto e médio prazo, que são muitos. Um deles é uma biografia de D. Pedro IV que, segundo julgo saber, já foi entregue para publicação. Outro é a coordenação de um volume da Nova História de Portugal que, não fossem os atrasos dos autores na entrega dos textos, já se teria visto nas livrarias.

Falando em publicações, não será desajustado evocar uma outra faceta qual foi a de Director de Revistas científicas. Para além das da Faculdade de Letras que dirigiu por inerência da Presidência do Conselho Científico, foi director da «Maré Liberum» e recentemente coordenou o último e derradeiro número da Revista «Oceanos».

Sendo um cultor exímio da Ciência Histórica, será de esperar que o seu nome figure nas tabelas de sócios de diversas Academias e associações científicas nacionais e estrangeiras as quais, não desejando maçar V.as Ex.as, referirei sumariamente: Academia Portuguesa da História, Academia da Marinha, Academia das Ciências de Lisboa, Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Associação dos Historiadores Latino-Americanistas Europeus, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Não deverei encerrar este capítulo da minha intervenção sem me congratular com o reconhecimento público dos seus méritos que foi claramente expresso pela condecoração da Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique que lhe foi atribuída pelo Senhor Presidente da República.

2.2 - O Universitário

Que é que se espera de um docente universitário?

Naturalmente que, enquadrado na instituição escolar, ensine de verdade mas sobretudo que colabore activa e empenhadamente nas tarefas de aprendizagem a cumprir pelos jovens que as circunstâncias vão colocando no seu caminho, que, tendo como horizonte o universo e não os muros de um qualquer pequeno e mesquinho quintal, produza novos conhecimentos na área ou nas áreas que ele próprio elegeu como mais adequadas às suas circunstâncias, que incentive outros a prosseguir no mesmo objectivo inovador, eventualmente até criando discípulos, que promova oportunidades e suportes de discussão e de divulgação científica e ele próprio, através da palavra, oral ou escrita, difunda esses novos conhecimentos, que segundo a sua capacidade e inserindo-se no seu grupo institucional ou noutra, colabore na reflexão que a Universidade é obrigada a fazer continuamente acerca de si própria e do seu papel na sociedade, que, na medida das suas possibilidades e aptidões e interpretando com lucidez e generosidade os sinais provenientes da comunidade universitária, colabore nas tarefas de gestão da mesma universidade.

Obviamente não interessa discutir se o Prof. Oliveira Ramos foi ou não a cabal realização deste cliché. Mas, a meu ver, é inegável que o seu *curriculum vitae* fornece dados abundantes para com eles se construir um modelo operacional de universitário de mãos cheias.

Desde logo pela sua diuturna e abnegada dedicação à Universidade. Mais que uma vez me afirmou que se o seu objectivo de vida fosse o de acumular riqueza teria enveredado por outra actividade mais lucrativa que a de docente. Não foi para essa meta que correu. Desde 1961, ano em que foi contratado como Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa até 2001 viveu para a Universidade, percorrendo todos os degraus da progressão académica e experimentando algumas das agruras inevitáveis da carreira docente. Por exemplo, o seu curriculum oficial não enumera as cadeiras de cuja leccionação foi sendo encarregado mas eu sei que foram muitas e assaz diversificadas, sobretudo nos primeiros tempos de actividade. Apesar da sobrecarga de trabalho e mesmo sem ter beneficiado de qualquer tempo de dispensa de serviço, apresentou-se a provas de doutoramento em 1971, aos 32 anos. Durante os seis anos seguintes foi Professor Auxiliar,

passando a Agregado e Extraordinário em 1978, tendo sido promovido a Catedrático no ano seguinte de 1979, aos 40 anos.

Pouco mais de dois anos depois, em 1982, contando 42 anos, Oliveira Ramos foi a votos para Reitor da Universidade do Porto, aceitando uma proposta unânime mas ousada de Professores, Alunos e Funcionários desta Faculdade. Vimos coroada de êxito a sua coragem, sendo até ao momento o primeiro e único Professor de Letras a ser investido em tão altas funções na nossa Universidade.

Altas funções nunca são funções fáceis. Mas numa época em que a sociedade portuguesa ainda não assentara depois das fortes turbulências que a haviam sacudido na sequência da revolução de Abril de 1974, dirigir a Universidade, palco particularmente sensível às contradições da mesma sociedade e aos anseios e reivindicações da juventude, era missão muito exigente e de grande desgaste. A complexidade das funções do Reitor da Universidade do Porto tornou-se mais árdua na medida em que, em breve, foi-lhe confiada a presidência do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas que conservou entre 1983 e 1985. Por inerência foi imediatamente indicado e nomeado membro português do Comité Permanente da Conferência de Reitores Europeus, cargo que, em virtude do prestígio granjeado junto dos seus pares, manteve desde 1982 até 1989, muito para além do fim do seu mandato como Reitor da nossa Universidade. Acrescenta-se que durante cinco anos (1984-1989), por proposta dos Reitores de Espanha, foi o representante das Universidades Públicas da Península Ibérica no Bureau do referido Comité dos Reitores Europeus.

No quadro do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas chefiou múltiplas missões do CRUP a vários países da Europa, da América e da Ásia, nomeadamente Espanha, Inglaterra, Alemanha, Brasil e Japão.

O desempenho competente e fecundo do cargo reitoral foi publicamente consagrado pelo Presidente da República que lhe atribuiu a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública.

Mas não foi apenas no quadro do CRUP que a dimensão internacional do Universitário (dimensão esta hoje muito mais valorizada que outrora) se firmou e afirmou: em 1974, pouco tempo decorrido do seu doutoramento, foi convidado oficialmente a visitar a então Alemanha Federal e logo depois, por convite do respectivo governo, visitou também os Estados Unidos. Mais tarde, em 1987, visitou a Universidade de Iena a convite da direcção do Estabelecimento. Para além da Alemanha, proferiu conferências em Espanha, na Alemanha, no Luxemburgo, na República Checa, na Argentina e no Brasil.

Mas, provavelmente o país estrangeiro com quem desenvolveu mais forte empatia pessoal e intercâmbio cultural e universitário terá sido a França.

Desde logo quando, para conclusão da sua licenciatura nos inícios dos anos sessenta, elegeu como temática de investigação científica, que jamais haveria de abandonar, as questões ligadas à Ilustração e ao Liberalismo. Depois, em 1979, mercê de um importante protocolo celebrado entre as Universidades de Bordéus III e do Porto e por força da acção de François Guichard, de Pereira de Oliveira e de Oliveira Ramos foi criado o CENPA- Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia - com Gabinetes e Investigadores das áreas da Geografia e da História em cada um dos países e com muitas realizações científicas e publicações meritórias. O CENPA subsiste até hoje e, a nosso ver, continua a ser útil, podendo e devendo abrir-se a outros campos de intercâmbio, para além da geografia e da história, como de resto já foi proposto. Do lado português, o Prof. Oliveira Ramos segue felizmente como seu Director.

Permita-se-me que evoque de novo e preste a minha homenagem ao Prof. François Guichard que uma enfermidade repentinamente traiçoeira e mal tratada afastou há poucas semanas do nosso convívio, impedindo-o de concretizar o seu e nosso desejo de aqui estar hoje connosco, acompanhando os colegas franceses, Prof.s Philippe Loupès e Jean-Pierre Dedieu, cuja presença neste evento é, por um lado, o testemunho mais credível de que as relações bilaterais entre as Universidades de Bordéus III e a do Porto não vão morrer com o desaparecimento do François e, por outro, do prestígio que o nosso homenageado de hoje mantém naquele país amigo.

Tal prestígio, de resto, foi publicamente testemunhado em dois ou três momentos que, se foram marcantes para o curriculum de Oliveira Ramos, foram-no igualmente para a Universida-

de do Porto e para Portugal. O primeiro foi a distintíssima nomeação para Oficial das Palmas Académicas da República Francesa que lhe foi outorgada em 1985. A segunda foi a atribuição, no mesmo ano, do doutoramento *honoris causa* que a Universidade de Bordéus III achou por bem conceder-lhe. O terceiro foi o honroso convite que lhe foi endereçado em 1987 para Director de Estudos da École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris.

A valia da experiência e da competência internacional de Oliveira Ramos foi publicamente avalizada e aproveitada internamente pelo Ministério da Educação que, em 1977, o nomeou Vogal da Comissão de reconhecimento de graus estrangeiros e mais recentemente, em 2000-2001, Presidente do Conselho de Avaliação das Licenciaturas em História. Os serviços prestados à educação e à investigação em Portugal decorrem ainda da sua nomeação para Presidente do Conselho Científico de Ciências Humanas e para membro da Comissão Executiva do Instituto Nacional de Investigação Científica, entre 1984 e 1992. Foi ainda Vogal da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (1996), membro do Conselho Científico da Comissão Nacional de História Militar e desde 1999 até ao presente ano Presidente do Conselho Científico da Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses. Acrescente-se que integrou essa Comissão desde a sua criação em 1986.

Um universitário, como a palavra sugere e talvez ainda um pouco por inspiração do ideal renascentista, busca a talvez inatingível sabedoria universal e aspira a ter do mundo, da vida e das coisas uma visão larga e liberta de espartilhos e pré-juízos. Em certo sentido a Universidade é uma, embora dividida por muitas Escolas, *universitas studiorum*. O senso comum entende-o assim quando fala, por exemplo, da Universidade Portuguesa como se todas as unidades comunhassem de um só e mesmo espírito. Assim sendo, um universitário não pertence exclusivamente à «sua» Universidade. A vida quotidiana mostra-lhe isso mesmo. De facto, a participação em júris e em provas das diversas Faculdades afins é quase uma rotina.

Desconheço em quantos júris de provas ou de concursos o Prof. Oliveira Ramos participou! Provavelmente nem o próprio o saberá com rigor. Mas seguramente se contam por muitas dezenas, talvez mais de uma centena. E, para além dos júris, foi solicitado para ministrar aulas e conferências em algumas, como a Universidade dos Açores, a Universidade Portucalense, a Universidade Católica, (pólos do Porto e Braga). Na última continua ainda prestando apoio na área do aconselhamento científico. E integrou, por convite, o Senado da Universidade do Minho.

A devotação à Universidade, de que vimos falando, não se colhe apenas da sua acção no exterior. Também se demonstra e flui do seu papel activo dentro desta Faculdade. De imediato porque é quase fundador da mesma, visto que entrou para o serviço em 1963 e pertenceu ao grupo dos professores pioneiros que lançaram as bases para que esta Instituição tenha logrado atingir um alto patamar de reputação e de credibilidade nos panoramas universitários português e europeu. A avaliação externa dos seus cursos e a relativa rapidez com que vêm sendo preenchidas as vagas disponíveis para novos alunos falam por si.

A imagem externa de uma Faculdade tem muito a ver com a competência e o perfil dos seus docentes. Bem sei que há outros factores e modos de acreditação. Mas, nesse aspecto, julgo ser de justiça sublinhar a enorme quota-parte do nosso homenageado na angariação desse capital de credibilidade.

Docente de várias disciplinas, passaram pelas suas aulas milhares de alunos. Geralmente com proveito e sucesso por mim comprovados, visto que durante alguns anos fui seu Assistente na cadeira de História de Portugal na Época Moderna.

Promoveu congressos e reuniões científicas, na maior parte das quais tive a subida honra de colaborar ou, ao menos, de nelas participar activamente. Fomentou a investigação dentro da Faculdade, através do CENPA, de que acima falei, do Centro de História do Instituto Nacional de Investigação Científica no qual liderou a linha de História moderna e mais recentemente no Instituto de História Moderna. Dirigiu e dirige inúmeras dissertações de mestrado e de doutoramento. Tantas que nem o próprio saberá ao certo o número exacto. De qualquer modo, é grato e para mim motivo de honra, poder contar-me entre aqueles que, nas Universidades do Porto, do Minho, Nova de Lisboa e dos Açores, elaboraram a sua tese de doutoramento sob a sua comprometida, sábia e argutíssima direcção. E muitos outros ainda que não directa e oficial-

mente dirigidos por ele, buscaram o seu aconselhamento ocasional mas sempre útil, objectivo e dirigido para o essencial.

De todo esses traços é constituído o modelo teórico do professor universitário. Mas também das horas e das canseiras que está disposto a gastar no exercício de funções de administração escolar, das quais os docentes, a meu ver, não deverão alhear-se nem afastar-se totalmente, mesmo que, no futuro, outro figurino de gestão venha a ser decretado. Sempre interventivo e atento ao andamento e à boa imagem da Faculdade, de que foi e é um defensor extremado, Oliveira Ramos assumiu responsabilidades directas visto que foi Presidente do Conselho Científico em três mandatos interpolados, antes e depois de ter sido eleito para Reitor.

Por isso, muito bem e justamente procedeu o Conselho Directivo quando, em cerimónia pública recente, homenageou o Prof. Oliveira Ramos concedendo-lhe a medalha de ouro da Faculdade.

3- Conclusão

Outras facetas como a do pedagogo, do conferencista, do cidadão interveniente poderiam ser aqui evocadas. Aqui e agora pareceu-me suficiente e justo exaltar tão somente o universitário e o historiador, ainda que distinguir uma faceta da outra possa tornar-se redundante. De facto, falando do universitário é suposto falarmos do homem de ciência, neste caso do cultor da ciência histórica.

Vou terminar, ousando, espero que não abusivamente, fazer-me porta-voz dos colegas presentes e dos que não puderam comparecer e ainda de todos quantos foram alunos do nosso Professor. E terminarei formulando um voto assaz vulgar e comum mas nem por isso menos sentido: que Deus o ajude a gozar de boa saúde e a manter a forma física e anímica para que possamos continuar a usufruir do seu magnífico saber e da sua exemplar disponibilidade para o partilhar.